

# UM OLHAR ACERCA DA ESCRITA DE MIGRAÇÃO E EXÍLIO DO CARIBE

*Warllachana Silva (CAPES)*

*Orientadora: Viviana Gelado*

*Mestranda*

**RESUMO:** O século XX marca o deslocamento de variados escritores caribenhos das ilhas para as metrópoles, onde encontram uma maior oportunidade de exercerem um diálogo crítico constante com seus pares e um espaço mais amplo para a divulgação de suas obras. Esses trabalhos revelam as consequências da fratura-deslocamento desses autores, já que saem de seus países devido à insatisfação de processos políticos instaurados nas ilhas. Sendo assim, eles apontam as problemáticas da dominação de seus países e apresentam a identidade e a cultura caribenha. Além disso, como o exílio permite uma visão *contrapontística* (SAID, 2003), esses escritores manifestam a experiência de maior reflexão sobre seu lugar de origem, o novo lugar que habitam e sobre si mesmos. Dessa forma, este artigo pretende apontar e entrecruzar, comparativamente, por analogia ou dessemelhança, elementos e situações presentes na experiência escrita de autores caribenhos exilados ou migrados. Para isso, refletiremos sobre fragmentos das seguintes obras: *La guagua aérea* (2013), de Luis Rafael Sánchez; *La memoria rota* (2003), de Arcadio Díaz Quiñones; *Archivos de los pueblos del mar* (2010), de Antonio Benítez Rojo; e *Los placeres del exilio* (2010), de George Lamming, entre outros textos.

Palavras-chave: escrita, exílio, migração, (neo)colonialismo.

## **Aspectos gerais sobre migração e exílio**

Problemas econômicos levam diversas pessoas a buscarem empregos em outros países; para aprender uma nova língua, por exemplo, há variados tipos de intercâmbios; e existem situações mais complexas, como os conflitos, dentro de certos países, que produzem um movimento de migração forçado, como guerras e ditaduras. Observa-se que são variados os eventos que provocam a migração de uma pessoa, e a permanência em um outro país como estrangeiro pode ser complexa. Primeiro, pela falta do país de origem, pois deixam-se os familiares, os amigos, a cultura e a língua, entre outros. Segundo, porque o país em que se instala o estrangeiro pode não ser tão acolhedor. Kristeva (1994) aponta essa angústia:

A dura indiferença talvez seja somente a face confessável da nostalgia. Conhecemos o estrangeiro que chora eternamente o seu país perdido. (...) E mesmo aquele que, aparentemente, foge do veneno viscoso da depressão,

não se priva disso, no fundo do seu leito, nos momentos glaucos entre a vigília e o sono (...)” (KRISTEVA, 1994, p. 17).

Essa condição nostálgica pode levar o indivíduo a buscar alívios com álcool, por exemplo, como aponta Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio* (2003). Segundo o estudioso, Rashid Hussen era um palestino, tradutor, jornalista, havia morado em variados países e, ao ter migrado para Nova York, se casou. Após um tempo, voltou para o mundo árabe e novamente, por fim, ingressou em Nova York. “Morreu após uma noitada de muita bebida quando, ao fumar na cama, seu cigarro deu início a um incêndio que se espalhou para sua pequena coleção de fitas cassete, compostas principalmente de poetas lendo seus poemas” (SAID, 2003, p. 48).

Também, o estrangeiro pode aliviar a sua dor e tentar organizar o caos por meio da escrita. Não é por acaso que há vários autores na condição de migrantes, exilados ou refugiados. O próprio autor citado acima, Edward Said, foi professor, um grande crítico literário e cultural e escritor que refletiu sobre as relações de poder do pretérito e da sua época. Ele nasceu em Jerusalém, de pais cristãos árabes, estudou no Cairo e construiu o resto da sua vida nos Estados Unidos. Em *Cultura e imperialismo* (2011), o próprio Said aponta que a sua condição de estrangeiro foi importante para os seus estudos. E, ao fazer menção à Inglaterra, à França e aos Estados Unidos, justifica a razão do seu enfoque de análise da relação entre esses impérios e cultura:

A segunda razão é que foi nesses três países em cujas órbitas nasci, cresci e agora vivo. Embora me sinta em casa neles continuo, como oriundo do mundo árabe e muçulmano, a ser alguém que pertence também ao outro lado. Isso me possibilitou, em certo sentido, viver nos dois lados e tentar intermediá-los (SAID, 2011, p. 26).

Diante disso, entende-se que há ainda resquícios da cultura de origem de Said, mas todas as outras culturas de países pelos quais ele passou estão imbricadas e cooperam de alguma forma para a sua reflexão e ato de escrever. E isso é um fator interessante no migrante: ele acaba adquirindo uma percepção mais sensível em relação ao outro por estar nesses entre-lugares e tenta, deste modo, “intermediá-los”, como aponta Said (2011).

No contexto da Segunda Guerra, judeus produziram várias obras literárias (talvez sejam eles os que dominam a produção de escritas do exílio); nas várias ditaduras, como a de Franco na Espanha, vários exilados escreveram. Em especial, na América Latina há uma tradição da escrita exílica, visto que houve um grande período de ditaduras instaladas: na Argentina (1976-1983), com o escritor Julio Cortázar que se exilou na França; no Uruguai

(1973-1985), com os escritores Mario Benedetti, Juan Carlos Onetti; no Brasil (1964-1985), com Ferreira Gullar, entre muitos outros autores e países. Claude Cymerman (1994) aponta:

Dijo una vez Julio Cortázar: "Algún día en las historias de la literatura latinoamericana habrá un capítulo que será el de la literatura del exilio." De hecho, el exilio es tan antiguo en Hispanoamérica como la misma historia del continente desde la Independencia y buena parte de la literatura hispanoamericana ha sido escrita en el exilio. Eduardo Galeano señala acertadamente que "las novelas más latinoamericanas de estos últimos tiempos fueron escritas fuera de nuestras fronteras (CYMERMAN, 1994, p. 523).

Hoje ainda se escreve acerca desses períodos ditatoriais que não devem ser esquecidos. No entanto, há um outro contexto no qual fez com que vários escritores, professores, estudiosos, entres outros, se deslocassem. O Caribe, que possui territórios ainda sob o domínio de metrópoles, apresenta variadas dificuldades políticas. Dessa forma, muitos artistas, incluindo autores, deslocam-se por não compactuarem com os pensamentos governamentais que são regidos nas ilhas. Essa problemática será melhor compreendida nos tópicos a seguir.

### **Escrita, migração/exílio e Caribe**

O escritor barbadense George Lamming aponta com excelência a experiência exílica caribenha no seu ensaio *Los placeres del exilio* (2010), com publicação original em 1960. Esse autor saiu de Barbados e estabeleceu-se em Londres para difundir as suas obras, já que encontrava dificuldade na ilha: não havia público leitor de suas obras. Lamming apresenta o analfabetismo como o principal obstáculo, e acrescenta que, quando havia quem lesse, duvidavam do seu direito de escrita, já que viviam em condição colonial. Assim, diz Lamming: "Porque un escritor no puede funcionar y, de hecho, no tiene función como escritor si quienes leen y enseñan lectura en su sociedad han iniciado su enseñanza dudando de su propio derecho de escribir" (LAMMING, 2010, p. 52). Visto esse fato, ele ainda aponta que estando em outro lugar alguém pelo menos poderia ter a curiosidade de lê-lo: "Pero el antillano no escribe para ellos, tampoco escribe para sí mismo. Escribe siempre para el lector extranjero" (LAMMING, 2010, p. 76-77).

Continuamente, os escritores caribenhos, ainda que fora de seus países de origem, dedicam-se a refletir sobre as condições problemáticas nas quais estiveram ou estão esses países. Também, o escritor e professor cubano Antonio Benítez Rojo refletiu sobre a cultura do seu país, acerca de questões relacionadas às consequências geradas pelas plantações de açúcar no Caribe, entre outros. Viveu a maior parte da sua vida em Cuba, mas:

Su vida sufrió un vuelco en 1980, cuando, a los cuarenta y nueve años, el prominente escritor, editor y funcionario de Casa de Américas, desertó de la delegación en París, abandonando una destacada posición en las instituciones culturales para reunirse con su esposa Hilda Otaño y sus hijos en los Estados Unidos. (DÍAZ-QUIÑONES, 2007, p.1)

Nos Estados Unidos, trabalhava como professor de literatura latino-americana, literatura cubana e escrita criativa. Benítez Rojo (2010) continuava acreditando em seu ato de escrever, refletindo criticamente sobre o Caribe, apresentando a identidade caribenha e ganhando novos leitores na sua travessia:

(...) la escrita como toda práctica, es siempre utilitaria. ¿Entonces qué persigo? Mi esperanza es que, como ocurre con el donante de un hígado o un riñón, mis palabras puedan servir para prolongar la salud intelectual de alguien; comunicarlas como asterisco, nota o acotación marginal a algún discurso del presente o del futuro (ROJO, 2010, p. 274-275).

Outros autores que fazem parte da escrita do entre-lugar caribenho, são os porto-riquenhos Arcadio Díaz-Quiñones e Luis Rafael Sánchez:

O primeiro foi professor da Universidade de Washington, em Seattle, e na Universidade de Princeton, é professor emérito, etc. Além disso, dedica-se a escrever e a refletir sobre as problemáticas do seu país de origem. *La memoria rota* (2003) e *A memória rota*, este publicado no Brasil em 2016 com ensaios que diferem daquele, refletem sobre a história, a identidade e a política de Porto Rico. Esses títulos não são por acaso, pois retratam uma nação que está fragmentada com a condição da neocolônia e das migrações que ocorrem em massa.

Porto Rico vive entre dois países, duas culturas e duas línguas. “El Estado Libre Asociado era, en la concisa expresión de don Luis Muñoz Marín, una forma ‘mejorable de libertad’ que podía ‘crecer’. La ‘unión’ era ‘signo de libertad” (DÍAZ-QUIÑONES, 2003, p. 19), o que não aconteceu. De acordo com o autor, entre os anos sessenta e setenta, iniciou-se uma grande crise, havendo mais ainda “diferencias sociales, y en los mundos sociales – más distancia que nunca – de las ciudades y las emigraciones” (DÍAZ-QUIÑONES, 2003, p. 23).

Porto Rico, como apontado nos fragmentos acima, está sob o domínio dos Estados Unidos, já que, desde 1952, é um Estado Livre Associado aos Estados Unidos, por isso a ilha obedece às regras do país dominador. O governador Muñoz Marín, na época dessa mudança, prometeu várias modernizações e melhorias, mas, a seguir, houve um grande momento de crise que perdurara até hoje. Um dos problemas é a grande massa que migrou e migra para os Estados Unidos, e era estimulado pelo sistema político da época. Arcadio Díaz-Quiñones

menciona que houve campanha em que “(...) el Partido Popular exigía la salida de miles de puertorriqueños” (DÍAZ-QUIÑONES, 2003, p.47).

O segundo, o escritor Luis Rafael Sánchez, é dramaturgo, ensaísta e romancista, autor da obra muito conhecida *La guaracha del Macho Camacho* (1976). Sánchez negou-se a possuir seu passaporte, visto que receberia o status de estadunidense e seu exílio voluntário era um protesto contra o sistema do país. Em *La guagua aérea* (2013), ele propõe-se a refletir sobre a migração. *Guagua* é o ônibus que circula nas cidades, sendo assim, esse título é uma ironia sobre o grande número de voos que levam migrantes porto-riquenhos para os Estados Unidos. Diferentemente da escrita de Díaz-Quñones, que tem moldes mais acadêmicos, a de Sánchez é mais irreverente e poética. Isto é, há jogos de palavras, um ritmo mais humorístico, ironias, ainda que esteja tratando de um assunto sério como a situação de Porto Rico. Quando questionado sobre o perfil mais humorístico da sua obra, assim responde Sánchez:

Así somos, latinoamericanos. En todo está el sentido del humor. El humor es una actitud defensiva. Cuando mataron a Trujillo en Santo Domingo la gente inventó un merengue: “Mataron al chivo y se lo comieron... Déjame lo ver, déjame lo ver, déjame lo ver...” Así nos defendemos, con el humor hasta en las circunstancias más extraordinarias. Y eso está en mi obra. Como el idioma, como el mestizaje, es nuestra otra trinchera. Relajo, lo que los cubanos llaman el choteo. Mi madre decía: “Que el relajo sea con orden”. Y yo creo que en el humor hay una manera de atajar la cosa (CRUZ, 2016).

Diante disso, compreende-se que o ato dos escritores acima está principalmente vinculado ao passado ou ao presente (neo)colonial, e à esperança de mudanças para o futuro. Busca-se a divulgação do estado político da ilha por meio da literatura, expõe-se a história do seu povo de origem, a cultura, a arte. Como as obras em questão são ensaios, há uma riqueza de reflexões acerca de fatos e intertextos, que seria mais difícil de convocar e pôr em diálogo nos moldes de gêneros menos versáteis, como o da escrita acadêmica.

A busca pela memória, entender que ela é fragmentada, e a busca de uma nova condição política nas ilhas talvez seja o que impulsiona esses escritores. Viver subjugado por outro país é viver na língua do outro, na cultura do outro, no sistema do outro. Dessa forma, criam-se mitos em tensão a respeito do país que domina e sobre o dominado. E isso é um problema. Segundo Memmi (2007):

À agressão ideológica que tende a desumanizá-lo e, em seguida, a mistificá-lo, correspondem em situações concretas que visam ao mesmo resultado. Ser mistificado já é, mais ou menos, avaliar o mito e a ele conformar o seu comportamento, isto é, ser regido por ele. Ora, além disso, esse mito se apóia solidamente em uma organização bastante real, uma administração e uma jurisdição; alimentado, renovado pelas exigências históricas, econômicas e culturais do colonizador (MEMMI, 2007, p. 132).

Por estar sujeito ao outro país, ainda mais sendo ele considerado uma grande potência mundial, cria-se uma imagem de inferiorização de si próprio. E, por meio da institucionalização, os mitos vão se firmando. Um exemplo são as escolas, em que os sistemas estarão de acordo com as normas do país dominador. Pelo mito que é criado através da literatura que circula em instituições escolares, vê-se a metrópole de forma “endeusada” e a si próprio de maneira inferiorizada. Dessa forma, a (neo)colonização condiciona o caribenho a uma certa perspectiva da ilha e da metrópole, por conseguinte, de si mesmo e desse outro.

Para exemplificar, acerca do mito ainda, Lamming expõe uma situação de *Los placeres del exilio* (2003), em que um dos visitantes caribenhos em Londres questiona: “ — ¿También hacen ellos ese tipo de trabajo?— preguntó. Se refería a las manos y rostros blancos que veía en el remolcador” (LAMMING, 2010, p. 52). Ou seja, ingleses também fazem trabalhos pesado em navios?

Voltando a Luis Rafael Sánchez e a Arcadio Díaz-Quñones, na escrita destes observa-se que há a reflexão sobre a escrita e o engajamento de outros autores da ilha, que também se comprometem com a situação política e cultura porto-riquenha. Por exemplo, Díaz-Quñones aponta:

Ahora que asistimos al vacío producido por el repliegue de los modelos clásicos de los recuerdos colectivos, y al triunfo de la cultura como espectáculo, acaso valga la pena volver al significado y a la práctica de la memoria. Eliminar, borrar, separar: parece ser la condición de la cultura – y la política – dominantes, en la Argentina, en Guatemala, en Puerto Rico, en el “nuevo orden” imperial. Palés nos recuerda cómo actúa la memoria para constituirnos, enlazándonos con un pasado que ella construye. (...) El que escribe pone su marca sobre una tradición, en lo que otros han hecho, o la iconografía aun cuando sea para desajustar el modelo. Es una de las maneras de recordar (DÍAZ-QUIÑONES, 2003, P. 70).

“Un hombre está por morir, y habla” (DÍAZ-QUIÑONES, 2003, p. 69), isto é, a poética de Palés está viva. Díaz-Quñones apresenta o poema *El llamado* de Palés e demonstra a importância desse autor para a memória e a identidade porto-riquenha. Esse escritor que embora à margem, por sua “desconfiança” com a política de progresso da época, foi relevante para o entendimento da cultura e história de Porto Rico. “Palés ‘despilfarró’ su talento lejos de los honores de la cultura oficial, esforzándose para que sus textos no fueran fácilmente anexados por el triunfalismo político de los cincuenta (...)” (DÍAZ-QUIÑONES, 2003, p. 84).

Na obra de Luis Rafael Sánchez, também busca-se a reflexão sobre a literatura dos autores porto-riquenhos e outros. O ensaísta analisa, por exemplo, obras de outros escritores,

como: Nicolas Guillén, Octavio Paz, Vargas Llosa, entre outros. Sobre o primeiro ele apresenta:

El otro Guillén, el Negro, el Nicolás, abastece su poesía con unas subrepciones llamadas: el pomar y la viña, el clavel de madrugada y el boniato pastoso, los dos abuelos y las implicaciones del apellido. Como la poesía guilleniana ahonda en las raíces de americanía negra el apellido conduce hasta el regazo de Abuela africana (...)" (SÁNCHEZ, 2013, p. 117).

Percebe-se que Sánchez apresenta um escritor que está comprometido com os temas que estão centrados na figura do afro-cubano. Nicolás Guillén foi um autor cubano de textos que se preocupava com a situação social dos marginalizados e defendia a causa do negro, para isso, por exemplo, tomava resquícios deixados na história para a reflexão, como “las implicaciones del apellido” que não apresentava raízes africanas.

Diante disso, compreendemos que o lugar de origem atravessa a escrita dos escritores caribenhos. Além disso, há o engajamento desses autores acerca da condição política de seus países, ainda que seus estilos se diferenciem, como vimos em Arcadio Díaz-Quñones e Luis Rafael Sánchez. A escrita, portanto, para eles torna-se um ato político a fim de produzir a reflexão e compreensão de seus leitores sobre a condição de seus países.

## Conclusões

Pode-se haver a tristeza e a melancolia por não estar no seu país ou por não poder permanecer, como ocorreu com Benítez Rojo que se tornou um “apátrida” (ROJO, 2010, p.275), sem escolher. Paga-se o preço por estar em exílio, por estar longe da família, perde-se um familiar e não se está perto, deixam-se os amigos, a biblioteca, como aconteceu com Abílio Estévez, escritor que escolheu sair de Cuba e viver em Barcelona:

En los primeros años de Barcelona, me sentaba a escribir y cuando necesitaba comprobar una cita, consultar una página, tenía el impulso de levantarme, de ir al estante justo, de tomar el libro oportuno, para, un segundo después, comprobar con desencanto que ese estante y ese libro no existían, o mejor dicho sí existían, verdaderamente existían, sólo que a miles de kilómetros de distancia, tan lejos, que se extendía un inmenso océano por medio: yo escribía en una mañana que era noche para aquellos libros. Comencé a saber, por fin, cuántas cosas pequeñas eran también el exilio (ESTEVEZ, 2012, p. 39).

Entretanto, a escrita talvez seja um lar. “As reflexões de Adorno são animadas pela crença de que o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, está na escrita” (SAID, 2003, p. 58). Nessa perspectiva, compreende-se que o lar desses autores também talvez seja a escrita, visto que é por meio dela que eles organizam as suas histórias, os seus olhares para os lugares que deixam. Melhor, o objeto de escrita é a ilha, o Caribe.

Portanto, o **exílio** é um **ato complexo e traumático**, como aponta Kristeva (1994, p.17), pois cria-se uma **fratura incurável** (SAID, 2003, p. 46) entre o indivíduo e o seu lugar de origem. Mas também, compreende-se que, nos autores aqui apresentados, a escrita exílica assume a expressão de um **comprometimento** com esse lugar de origem. Assim, a escrita dessa fratura-deslocamento tem por objetivo alcançar os antilhanos. Paralelamente, a condição deslocada nas metrópoles (coloniais ou não), onde há um maior trânsito de intelectuais, possibilita o alargamento do diálogo crítico e de uma visão **contrapontística** (SAID, 2003, p. 59), que promovem novas perspectivas em torno das ilhas e de si mesmos.

### Referências

- BENÍTEZ-ROJO, Antonio. *Archivos de los pueblos del mar*. San Juan (PR): Callejón, 2010.
- CRUZ, Juan. *Luis Rafael Sánchez: “El idioma es nuestra última trinchera”*. El País, San Juan, Porto Rico, 20 de março de 2016. Disponível em:[[https://elpais.com/cultura/2016/03/19/actualidad/1458401365\\_670788.html](https://elpais.com/cultura/2016/03/19/actualidad/1458401365_670788.html)] Acesso em 18 de agosto de 2018.
- CYMERMAN, Claude. *La literatura hispanoamericana y el exilio*. Revista iberoamericana, LX, 1994, p. 523-550.
- DÍAZ-QUIÑONES, Arcadio. *La memoria rota*. Puerto Rico: Ediciones Huracán, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A memória rota: ensaios de cultura e política*. Tradução/Org Pedro Meira Monteiro. 1 ed. São Paul: Companhia das Letras, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Caribe y exilio en La isla que se repite de Antonio Benítez Rojo*. Orbis Tertius, Vol. 12, Núm. 13, 2007.
- ESTÉVEZ, Abílio. *Mi biblioteca ardió una noche (Tres clásicos cubanos)*. Cuadernos Hispanoamericanos, 2012, p. 37-44.
- KRISTEVA, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota C. Gomes; Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LAMMING, George. *Los placeres del exilio*. Trad. Maria Teresa Ortega Sastrique. 1 ed, Havana, Cuba: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2010.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido de Retrato do colonizador*. Trad. Marcelo Jacques de Moraes, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ROJO, Antonio Benítez. *Archivos de los pueblos del mar*. 1 ed. San Juan, Puerto Rico: Ediciones Callejón, 2010.



---

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann, São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

-----.. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SÁNCHEZ, Luis Rafael. *La guagua aérea*. 6 ed. Río Piedras, Puerto Rico: Editorial Cultural, 2013.